

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**SESSÃO ESPECIAL NOITE ESCURA**  
**10 de maio de 2023**

**NOITE ESCURA / 2003-2023**

*Um filme de João Canijo*

*Realização:* João Canijo / *Argumento:* João Canijo, Pierre Hodgson, Mayanna von Ledebur (inspirado em *Ifigénia em Áulis* de Eurípides) / *Direção de Fotografia:* Mário Castanheira / *Som:* Ricardo Leal, Philippe Morel, Ruth Sullivan / *Música:* Alexandre Soares / *Direção artística:* Zé Branco / *Decoração:* Laura Musso / *Guarda-roupa:* Zé Branco / *Maquilhagem e Cabelos:* Isabel Baptista, Alexandra Abreu /  *Casting:* Patrícia Vasconcelos / *Montagem:* João Braz / *Montagem de Som:* Tiago Matos / *Mistura de Som:* Gérard Rousseau / *Anotação:* Margarida Leitão / *Interpretações:* Fernando Luís (Nelson Pinto), Rita Blanco (Celeste Pinto), Beatriz Batarda (Carla Pinto), Cleia Almeida (Sónia Pinto), Luís Simões (Manuel Pinto), Natalya Simakova (Irka), José Raposo (Nicolau), Dimitri Bogomolov (Fyodor), Ramón Martínez (Sebastião), António Ferreira (Panela de Pressão), Anna Belozorovitch (Olga), Ana Luísa Leão (Paloma), Lara Carvalho (Paula), Jinie Rainho (Brigina), Márcia de Oliveira Silva (Penélope), Susana Moreira (Luciana), Nadina Lopes (Rómi), Helena Alves (Íris), Anabela Moreira (Rute), José Henrique (Tito), José Henrique (Tito), Jorge Silveira (Cardoso), José Henriques (Almeida), Eduardo Brito (Mino), José Costa (Mino), José Costa (Fernandinho), Cláudio Henrique (Silva), Virgílio Gança (Mamífero), Luís Cascais (Otário), José Colho (Ricardo), Carlos Morgado (Bonitão), Luís Pavão (Empata), Victor Carvalho (Empreiteiro), Carlos Dias (Novo-Rico), Vivaldo Vieira (Careca), Orlando Silva (Velhinho), Álvaro Silva (Empresário), Severeino Moreira (Zeca), António Cid (Ribeiro), Paulo Azevedo (Cliente de Olga), Vladimir (Serguei Abakumov), Sacha, Vlodimir Ligusha, Alexandre A. Iltchenko, Serhiy Rasskazov, Andrey Rudyev (Pistoleiros Russos) / *Produção:* Paulo Branco / *Cópia:* DCP, a cores, falado em português e em russo / *Duração:* 112 minutos / *Estreia Mundial:* 20 de Maio de 2004, Festival de Cannes / *Estreia Nacional:* 17 de Novembro de 2004 / *Primeira Passagem na Cinemateca Portuguesa:* 20 de setembro de 2017, ciclo “Filmes Portugueses Legendados”.

Com a presença de João Canijo.

\*\*\*

Para a realização da sua quinta longa-metragem, João Canijo viajou até ao Portugal profundo para adaptar uma tragédia clássica, de Eurípides. Referiu, em entrevista concedida a Raquel Santos para a RTP Internacional (programa *Entre Nós*, 14 de outubro de 2004), por altura do lançamento do filme, que o grande tema do seu cinema é “a incapacidade do português de olhar para si e para o outro”, mas em **Noite Escura** todas as personagens se enfrentam – e devoram – entre si. No entanto, ressaltou ainda, na mesma conversa, que a história é como que um “pretexto” e também é verdade que esse enfrentamento é, ele mesmo, uma forma de escape, uma maneira de olhar sem ver – e portanto incapacidade de *enfrentar* verdadeiramente – as circunstâncias reais em que os protagonistas se veem envolvidos. E há sempre o fatídico destino que agrilhoa esta família de personagens a um caminho votado à (auto)destruição – tudo isto é tão

da ordem da dita tragédia clássica como da do fado lusitano (refira-se, a este propósito e desde já, a tese de doutoramento de Daniel Ribas, *Uma dramaturgia da violência: os filmes de João Canijo*, que explora esta ligação entre o cinema de Canijo e o nosso intrínseco “medo de existir”, para citar um dos filósofos centrais no dito estudo, José Gil).

Enfim, uma linguagem de contrários acaba por dominar a história e a *mise en scène* do filme: vozes e divisões que se assaltam, se sobrepõem no quadro, uma cacofonia sonora e visual que converte o bar de alterne, onde toda a ação decorre, numa espécie de aquário humano, com os corpos dos atores a vaguearem, sempre em movimento (circular, fatídico), cruzando-se e confrontando-se, debaixo de um clima decadente, simultaneamente tenso e alheado. E há a premissa – o tal “pré-texto” – que diz respeito à ousadia do patriarca português em se achar mais esperto do que a máfia russa – nos primeiros minutos, vemo-lo vestido de palhaço (pele que lhe fica tão bem, como nota, sem grande vontade de ironizar, o implacável Fyodor). Pagará muito caro pela esperteza saloia, o palhaço disfarçado de *pater familias*. Na já citada entrevista, Canijo põe as coisas nestes termos: “[**Noite Escura** é uma] reflexão sobre a capacidade de sacrifício e a possibilidade de sentimentos profundos sobreviverem no meio da mentira e da indiferença”.

Outra tensão interessante aqui: estas permanentes encenações de uma verdade de plástico – a filha vendida aos russos vai, no fundo, partir para Espanha com o fito de se tornar uma vedeta da música popular – são feitas de pequenos pedaços de uma realidade diretamente testemunhada e vivida pelo realizador e seus atores. O método Canijo – à maneira do americano – pressupõe esse profundo conhecimento do meio, o que implicou mapear o território português em matéria de bares de alterne. A conclusão, quase de cariz sociológico, não deixa de ser espantosa: “Portugal deve ser o país da Europa com maior quantidade de casas de alterne por quilómetro quadrado”. Tudo o que vemos, dos diálogos à caracterização, apresenta-se profundamente ancorado numa realidade qualquer que se reapresenta e reencena neste bar de alterne eminentemente teatral, palco poroso, alternante, rotativo e concentracionário como um *western* de Howard Hawks – quando o patriarca interpretado por Fernando Luís espregueira os russos “lá fora”, através das imagens produzidas por câmaras de vigilância, e observa que se assemelham a lobos aguardando a presa, parece que estamos na presença de um filme de cerco à portuguesa... e, se calhar, essa é outra “ligação” a fazer aqui, não só entre a tragédia clássica e o *western* americano, mas também entre a realidade do país esquecido e a lei da bala do faroeste (recorde-se que João Canijo filmou um *western* no Alentejo chamado **Alentejo Sem Lei** [1991]).

Os diálogos misturam Eurípides com frases do português vernáculo diretamente colhidas dessa experiência de cariz sociológico ou etnográfico, e os atores, por sua vez, dão corpo a essa realidade meticulosamente (re)encenada. Se há cinema em Portugal, de facto, devotado ao trabalho dos e para os atores, ele existe e é dirigido por João Canijo (que, aliás, começou por receber formação de ator). **Noite Escura** é um filme fundamental a este nível, não só na obra do próprio Canijo (por marcar o princípio de uma reflexão sobre o país, adaptando o texto intemporal das tragédias clássicas) como outrossim em todo o cinema nacional. E tal também adveio do facto de os atores, elevados aqui à condição de cocriadores, se terem investido de corpo e alma nos seus papéis de uma maneira raras vezes vista, até então, no cinema português.

Rita Blanco, Beatriz Batarda (uma das mais pujantes interpretações que este século de cinema conheceu), Cleia Almeida, Anabela Moreira, Fernando Luís e José Raposo – quase todos *habitués* do universo de Canijo, tal como aliás atesta o mais recente díptico **Mal Viver/Viver Mal** (2023) – excedem-se na sua capacidade para vestir uma nova pele, expurgando-se de quaisquer tiques do drama televisivo ou próprios do gesto grandiloquente do teatro. Trata-se de um verdadeiro ato de entrega ou sublimação por parte do elenco – no filme há qualquer coisa no tema do sacrifício que comunica subterraneamente com o próprio trabalho dos atores, tal é o modo como estes desaparecem nas personagens, tornando, ainda assim, bem palpável uma energia que podemos atribuir ao género do melodrama (numa mistura explosiva de alta intensidade dramática com uma dramaturgia da violência, para usar a fórmula de Ribas, que faz lembrar outra referência capital no universo de Canijo: John Cassavetes, em particular o seu **The Killing of a Chinese Bookie** [1976]).

A nova versão, que agora se apresenta ao público pela primeira vez e que foi avalizada pelo realizador, contém mais cerca de 13 minutos, passando de 99 para 112 minutos de duração, numa cópia digital com restauro sonoro e nova correção de cor. Em termos dramaturgicos, são imagens e sons que permitem consolidar a ligação entre os atores profissionais e os atores espontâneos ou os ditos “não-atores”.

Uma das cenas acrescentadas surge por volta do minuto 23, tratando-se de uma conversa de corredor entre duas trabalhadoras do bar – uma delas chama-se Brigina – a discutirem a “falsidade das pessoas” por causa de uma peça de roupa que foi, alegase, maltratada por alguém. Ao fundo, vemos a personagem de Carla (Beatriz Batarda) assistindo à conversa. Noutro instante, por volta do minuto 45, o *barman*, Panela, personagem mais presente nesta versão, recomenda a um cliente a “menina do vestido verde”, Íris, que acaba a rejeitar a vontade do cliente, por este ser muito “abusador” e “só saber dizer coisas nojentas”. Depois, Íris vai ao encontro de uma colega para se queixar da situação. Ao mesmo tempo, vemos, em segundo plano, na cozinha, Nelson (Fernando Luís) a espreitar, com Celeste (Rita Blanco) agachada, a coser-lhe a braguilha. O que estes dois exemplos ilustram é fundamentalmente essa ligação, de facto física, entre os atores e os não-atores, com vista à criação de um ecossistema uno, em que a cena se deixa infiltrar pela realidade reapresentada e vice-versa. É neste “vice-versa” que radica o tal movimento em falta, enfim, restituído.

Luís Mendonça